

Sexualidade é uma marca humana!¹

Silvia Brandão Skowronsky²

Resumo: A sexualidade é a marca humana que nos distingue dos demais habitantes do planeta, não é uma categoria a priori, envolve construção de amplas complexidades adquiridas. Pensar o tema Sexualidade nos convoca reflexões, hipóteses, incertezas e indagações. O que existe na sexualidade, capaz de desafiar, que a torna perigosa e inquietante para os fins da cultura? Sabemos que não se consegue esconder o amor, nem a fumaça, nem o segredo e nem a loucura. O sexual humano é uma aventura obstinada, revela-se. A sexualidade é o tema central na invenção da Psicanálise, perspectiva propícia para debates atuais sobre a diversidade sexual humana e as questões de gênero e sexo. A Psicanálise sustenta a perspectiva do que significa o dilema de ser e pensar livremente. A Psicanálise, com cem anos, ainda é um discurso subversivo! Segue assim, quando acorda e ainda interroga a sexualidade, o desejo que mora no inconsciente, para ser narrado com mil caras de diversos gostos. A generalização é um impossível, tamanha variedade de alternativas. O desafio significa interrogar e historizar essa trama complexa, que tece as pessoas, em todas suas diferenças! Não é exclusivo de nossos tempos a existência da experiência de incompatibilidade entre o sexo anatômico e a identidade sexual. Felizmente, o viver atual impõe o diverso e nos implica em desafios para revisões ou reatualizações, vitalizando nosso saber para pensar.

Palavras-chave: Bissexualidade. Psicosexual. Psiquismo. Pulsão sexual. Sexualidade. Sexualidade infantil.

A sexualidade, enquanto um especial atributo do humano, nos convoca para reflexões e hipóteses, desafiando com as particularidades do múltiplo, que se revela e esconde na diversidade e variedades. Na linguagem e no discurso da

1 Trabalho apresentado na Jornada da SBPdePA DIVERSIDADE – Mesa Sexualidade do sujeito diverso, com Leticia Fiorini e Gildo Katz.

2 Membro Titular com Função Didática Plena da SBPdePA.

cultura, na origem, cor, religião, crenças, ideologia e nas diferenças de emoções, de conceitos e de jeitos de ser e viver no mundo.

Dialogar com o tema da sexualidade nos convida a produzir articulações, interrogar para seguir pensando, na dimensão do legado da Psicanálise de Freud, que realizou uma verdadeira ruptura no saber de sua época, em especial sobre a sexualidade. Pensou a estruturação psíquica através da experiência de satisfação e pela via da sexualidade infantil na dimensão da bissexualidade, caminho primordial da sexualidade humana.

A sexualidade é a marca humana que nos distingue dos demais habitantes do planeta, não é uma categoria a priori, envolve construção de amplas complexidades adquiridas. Não responde a uma ordem natural inata como o instinto nos animais. A Sexualidade Humana supõe uma evolução psicosexual complexa, desde a sexualidade infantil, que constrói uma história pulsional e identificatória, que inclui a cultura. Caminhos do biológico ao psíquico.

Em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud propõe a especificidade da sexualidade humana. Nesse modelo, a sexualidade evolui, mas se distingue da necessidade biológica. A sexualidade está ligada, nas origens, a um prazer marginal, que nasce e se destaca da ação específica de sobrevivência e da função do instinto de conservação. Freud utiliza a teoria do apoio, define que a sexualidade infantil nasce do corpo, que cumpriu uma função biológica, alimentação, excreção, experiência que inaugura a inscrição de representações psíquicas, campo da pulsão sexual.

A pulsão sexual, cuja satisfação se independiza de uma ação específica, procura o prazer para além de qualquer função específica, na zona erógena do próprio corpo, no autoerotismo, o que define a sexualidade infantil e os avatares da relação de amor. Campo da concepção do biológico ao psíquico. Depois ampliado com o modelo das identificações, campo da cultura para o psíquico. A sexualidade infantil passa por uma evolução complexa, desde pulsão parcial, como a oralidade, a analidade, que serão subjugadas por imposição da cultura, como o desmame e o controle esfinteriano.

A sexualidade infantil, especial raiz e origem dessa complexidade, nasce da história pessoal, inédita e única! Um singular retrato interior que cria vida no destino particular que alcança a experiência amorosa. Um trajeto que inaugura a subjetividade do sujeito psíquico, espaço de versões singulares, apoiado na capacidade para enfrentar as tensões, conflitos e prazeres, nas vicissitudes de crescer, criar e recriar a vigência da sexualidade. Na experiência humana, inúmeros desafios desencadeiam desamparos e arditos soluções. Assim caminha a humanidade, da natureza do biológico à sexualidade, e ao amor. Civilizando(se).

Vencemos a impotência das incertezas criando noções que norteiam e organizam a imensidão do desconhecido. Inventamos o relógio, achando que assim venceríamos o tempo, e inventamos o amor achando que assim venceríamos a morte, esquecidos de que o tempo existe sem relógio e que a morte termina até essas invenções.

Mas enquanto se viver e existir, descobrimos a importância da memória, já que permanece além do tempo! Nascida na experiência do vivido, é um patrimônio inesquecível. A memória, ainda, contém um acervo atemporal útil para pensar os caminhos da história humana partilhável.

Os elementos que, durante séculos, foram moldando essa experiência, irradiam direções com lógicas obscuras ou transparentes. Ao longo do tempo, e em cada cultura, a sexualidade se expressa e adota diferentes formas. É o discurso que define uma época e o ser humano *é sujeito de sua época*, assim um sujeito único e diverso.

Essa condição impõe o desafio de pensar os discursos sobre a Sexualidade, pois olhar o presente implica ainda em perguntar (se) e interrogar (se), e encontrar o contexto que produz um texto com narrativas pensáveis.

Vivemos uma atualidade veloz, típica do mundo hoje. A velocidade move uma espécie de corrida para suposta atualização, porém, o tempo é um desagravo às resistências com a Psicanálise. Mas ainda importa derrotar distorções antigas, ou mesmo as atuais, com a maior arma de que dispomos: o conhecimento que a Psicanálise descobriu!

Desde Freud, em Psicanálise, a sexualidade está divorciada da sua ligação com os órgãos genitais, é considerada uma noção mais abrangente, tem a experiência de prazer como meta e só secundariamente poderá cumprir as finalidades de reprodução. Em psicanálise, o conceito do que é sexual abrange bem mais do que o domínio do saber no sentido popular. Sexualidade é assunto complexo, controvérsico e de conceituação difícil. Alvo de distorções, como a tentativa de reduzi-la a sinônimo de sedução, de genitalidade ou de reprodução.

Afinal, que lição a Psicanálise nos ensinou? Para a Psicanálise, o sexual não é redutível ao genital, assim como o Psiquismo³ não é redutível à consciência!

Freud considera que o sofrimento e o poder dos sintomas nascem do peso da verdade histórico-vivencial. Na experiência humana de crescimento, tudo depende de como se elabora o viver que surge no caminho. Essa posição é a garantia conceitual da singularidade. Significa também que, além de sobreviver, importa viver, através da construção de complexidades psíquicas.

3 O Psiquismo é constituído e construído por verdades vivenciais, experienciadas, sobre o hereditário constitucional, o instinto biológico, depois Pulsão, e sobre o adquirido na experiência com a cultura.

A sexualidade é o tema central na invenção da Psicanálise, perspectiva propícia para debates atuais sobre a diversidade sexual humana e as questões trans, de gênero e sexo. O tema da sexualidade, com tantos determinantes e implicações conceituais e culturais, inclusive ideológicas, ocupa-nos e preocupa. Pensar a complexidade da sexualidade supõe interrogar os fundamentos e significa examinar a inter-relação de conceitos centrais da psicanálise⁴. As estreitas relações da noção de Psiquismo com o Inconsciente, o Ego, a teoria das pulsões, a sexualidade e a noção de subjetividade.

Freud toma a sexualidade como ponto de partida de sua teorização de Psiquismo. Cria a concepção sobre a natureza da vida psíquica quando propõe sair do corpo, da biologia, para o nível psíquico. O conceito de psicosexualidade explicita essa perspectiva. Assim, propõe o caráter estruturante da representação na constituição psíquica abrindo a perspectiva mais além da anatomia. A revolução na noção de sexualidade consiste em relativizar o sexual em relação ao genital. Propõe a sexualidade como matéria prima de complexas capacidades humanas, mediante as representações, que são a origem da dimensão psíquica da sexualidade. São estruturadas gradativamente, em articulações singulares que tecem a subjetividade do discurso amoroso de um sujeito original, cujo enunciado não corresponde a uma linguagem direta e simples. Um Psiquismo singular, pois vivencial.

Freud usa o termo *Trieb* (impulso ou pulsão), significando que o biológico adquire expressão psíquica, assim, inclui o herdado endógeno e o exógeno, o construído, o adquirido, a cultura e o acidental.

Essa é a distinção conceitual entre Pulsão e Instinto que inventou a Psicanálise. O conceito inédito de Pulsão sexual se distingue da categoria de instinto animal, que é um biológico impulso pré-formado, inato, endógeno, atávico, comum à espécie como um todo, dotado de objeto exclusivo, de ação específica, com finalidade fixa vinculada à sobrevivência.

A teoria freudiana de Pulsão introduz o modelo da sexualidade humana na dimensão da pluralidade, supõe a experiência de prazer e mobilidade para atingir a satisfação. Nessa perspectiva, a sexualidade humana tem um caráter de imaginário, uma questão de subjetividade⁵, ainda que também se considere

4 Freud interrogou o conhecimento e o saber ao desenvolver a noção de Psiquismo, que junto com as soluções conceituais de Inconsciente, de Ego, da Teoria das Pulsões, da Sexualidade Infantil, do Narcisismo e do Complexo de Édipo, o Recalcamento e a Teoria das Identificações compõem seu arcabouço teórico, original e fundante da Psicanálise. Uma autêntica trama.

5 Dimensão da teoria do inconsciente, da representação psíquica, da pulsão sexual, da identificação primária, do ego, da cultura.

construtoras do sujeito humano as formas de ideologias e as relações de poder, da cultura.

São complexidades de domínio o poder da posse e o saber do uso. Dialética paradoxal das relações de poder e saber, que impregna a humana experiência, está enraizada nas redes familiares e sociais, emitindo forças individuais e coletivas, particulares e universais. Estão em jogo: o amor, as alegrias e a felicidade, mas principalmente a **diferenciação**, a autonomia e a liberdade.

É o paradoxo do lugar do semelhante! Organiza tanto a fortaleza quanto contradições e fragilidades. Tem poder estruturante/construtor e destrutivo/alienante, pois a sujeição está em jogo.

Essa articulação fundamental entre o sentido de liberdade e a fragilidade da autonomia atravessa o domínio da sexualidade humana, frente às exigências da cultura. Na Psicanálise de Freud, o conceito de prazer e de sofrimento depende da arquitetura dos caminhos e destinos das pulsões, que desenharam a sexualidade humana e também os obscuros caminhos daquilo desligado, do campo do irrepresentável. Resulta do complexo encontro consigo mesmo, com o corpo, com o outro e com o viver no mundo. Eis a questão do desafio de viver incluído no mundo sem perder a integridade de si.

O que existe na sexualidade capaz de desafiar, que a torna perigosa e inquietante para os fins da cultura? Talvez um conflito antigo da vida sexual, nascido nos tempos da sexualidade infantil, desafiando a contradição sobre a obediência e a transgressão.

A sexualidade é singular, é saber ser e existir. Nasce da posição de desamparo originário para a construção de capacidades de autonomia e arbítrio de um sujeito psíquico e sexuado. Experiência vivida no intrapsíquico e na intersubjetividade, inscreve-se nas coordenadas de cada época, assim como no modo de estar no mundo, de amar e de se manifestar.

No processo de subjetivação, nas vicissitudes da experiência amorosa com o crescimento, a singularidade humana é única, como uma impressão digital, em sua versão erótico-amorosa-narciso/edípica.

Interessante compreender o Psiquismo construído a partir da condição de indiferenciado despreparo, um desamparo originário, na vivência em dois, com três, com o mundo e com a cultura humana. Campo da ancoragem da subjetividade e da experiência com a alteridade. Do singular ao plural! Uma encruzilhada entre ser e ter, na construção do caminho de amar mais além de si próprio e do autoerotismo.

À medida em que uma dialética do sujeito se funda na relação originária *eu-não-eu*, ponto de partida primitivo de diferenciação entre o eu e o mundo, resulta fecundo incluir a lógica da bissexualidade e a questão da diferença.

Ser humano! Sinto Ser! Ser quem? Ser o quê? Ser com (como)? Ser Alguém!
Ser sexuado! Ser macho e/ou fêmea! Ser e existir no mundo!

Será no terreno fértil em que se constitui o ego, via prazer, quando afirma “eu não sou”, esse do desprazer, onde nasce e se reafirma a diferença, inicialmente entre “o eu e um não eu”, regido por um mal-estar, do desprazer. Movimento incipiente de diferenciação de Ego. Depois, a diferença é revisitada na experiência com angústia, um susto de espanto, mediante a posterior descoberta da diferença anatômica. Macho ou fêmea, que ainda é a diferença marcada pela biologia.

Assim, a descoberta da diferença sexual está formulada a partir de um outro, mesmo que desde a dialética da ameaça da angústia de castração, está significada como outro sexo, uma pertença, “eu sou”, ou “eu não sou”. Macho ou fêmea, diferença de sexos, da biologia para construção de ser, existir na complexidade psíquica, de pensar e sentir.

Diferença não significa melhor ou pior, bom ou ruim, certo ou errado, completo ou incompleto, etc. Assim, seria numa perspectiva infantil, lógica dual, campo endogâmico da indiferença, escasso para entender o múltiplo do mundo, o exogâmico e a alteridade.

A diferença de sexos é biológica, da anatomia, e essa descoberta tem consequências psíquicas, um saber sobre a diferença, entre os sexos e geracional, também ensina sobre o não eu e o reconhecimento do diferente. Assim, uma possível abertura para incluir a diferença de gênero.

Modelo em que o sexual deixa de ter explicação apenas na biologia! Inclui a experiência com a natureza, com a função estruturante do semelhante, portador da ação específica que, mediante vivência de satisfação, inscreve marcas mnêmicas num psiquismo incipiente; a experiência com a sexualidade; e com ideais da cultura, mediante a identificação primária, que precede a experiência de relação diferenciada com o outro.

A Sexualidade Humana supõe uma evolução psicosexual complexa, desde a sexualidade infantil⁶, que cria uma história pulsional, e identificatória, que inclui a cultura. Neste modelo a sexualidade se distingue da necessidade biológica, assim como Freud distinguiu a fome do amor⁷.

Condição que inclui a dimensão da cultura, o lugar do semelhante humano e o campo de abertura para pensar a sexualidade como uma construção, que nem

6 “Em resumo, a sexualidade perversa não é outra coisa que a sexualidade infantil, aumentada e decomposta em suas moções singulares” (Freud, 1905/1978, p. 284).

7 Freud (1930/1986b) em *Mal estar na cultura* comenta: “Encontrei meu primeiro ponto de apoio na máxima do poeta-filósofo Schiller, segundo a qual ‘fome e amor’ movem as engrenagens do mundo” (p. 113).

sempre irá coincidir com o sexo biológico. A Psicanálise, desde Freud, sublinha que a identidade sexual não se configura soldada ao sexo biológico.

Ensinou Freud que coordenadas de dupla origem inventam a sexualidade humana, diz: “a anatomia é o destino” (1912/1986a, p. 183), pois o sexo anatômico é resultado da biologia, porém apenas ponto de partida, o gênero é resultado de uma construção de cada sujeito individual, e da cultura.

Freud (1925/1984) enfatiza: “. . . todos indivíduos humanos, em consequência da disposição (constitucional) bissexual, e da herança cruzada, reúnem em si caracteres masculinos e femininos, assim que masculinidade e feminilidade puras seguem sendo construções teóricas de conteúdo incerto” (p. 276).

Quando Freud propõe a sexualidade infantil⁸ e a bissexualidade originária, afirma que nascemos com um sexo anatômico, definido biologicamente, porém, com uma disposição bissexual. A perspectiva de fronteira, que emerge com a ideia de uma disposição bissexual, nos permite interrogar sobre a dimensão da sexualidade, articulando pensar a variedade de alternativas possíveis das experiências humanas.

Diria que viver a própria sexualidade de maneira emancipada *é em si um* ato revolucionário, uma audácia de liberdade e independência, que nasce com rupturas e construção. A história de cada indivíduo, inclui as diferenças, o biográfico, o aleatório, o traumático. E contém a marca singular que o estrutura como sujeito psíquico e sujeito sexuado, para o exercício da sexualidade e da liberdade de eleger o objeto sexual e o amor. Caminhos do Singular Plural!

Freud deixou bem claro que a Psicanálise não é uma cosmovisão, uma visão do mundo. Nesse sentido, os psicanalistas precisam estar atentos aos próprios preconceitos. Como a necessidade de conceituar a priori ou de revisões salvadoras, que encobrem um modo de utilizar as teorias como uma modalidade disfarçada de julgamento ou de absolvição, no lugar da indagação.

Razões de porque a Psicanálise nasceu com a descoberta do Inconsciente e com a morte da sugestão. Assim, convoca a posição de interrogar a singularidade e a subjetividade, com o Método de Atenção Flutuante e da Associação Livre, garantia de descobertas singulares.

Assim as subjetividades que correspondem, podem ser interrogadas, sem preconceitos conceituais, como qualquer subjetividade humana que a Psicanálise se propõe a pensar.

Julia Kristeva (1993) inspirada ensina:

8 A sexualidade infantil é perverso polimorfa. Significa que tem muitas formas pelo polimorfo, e perverso significa parcial, com elementos que integram uma construção.

O amor de transferência que mobiliza a atitude para a idealização no mesmo coração do desejo e do ódio, é o único que permite entrever o relevo das suas feridas narcisistas. Necessita da atitude do analista sem sugestões ideológicas, morais ou partidárias. [Aqui também incluiria sem sugestões teóricas.] Precisa a simples escuta amorosamente... distraída. (p. 339)

Lembro que os padecimentos no terreno da sexualidade resultam, ainda, dos efeitos da sexualidade infantil, conforme Freud postulou. Esses efeitos estão na gênese, tanto das capacidades humanas progressivas, como regressivas, e de sofrimentos. E a liberdade sexual significa uma construção de autonomia na vida adulta.

O sexo que hábito nasce da caminhada própria. Versão particular de viver e expressar a sexualidade num contexto pessoal e partilhável na cultura. A lógica secreta da vida de cada um mostra seu efeito apenas naqueles pequenos e ínfimos detalhes que são como uma marca. Misterioso segredo de um sinal de nascença, alterado com o crescimento na difícil arte de conservar raízes e de criar asas. Nesses desenhos pessoais, com a especial tinta do amor, é onde se incluem os recursos e, também, os desamparos e os sofrimentos. Plenitudes e convulsões da singularidade que revelam e escondem tudo.

O que sou e o que penso que sou, não significa o mesmo, é uma articulação de possíveis limites e inibições, ou de alcances e ampliações. Calibragem importante para viver plenamente a condição humana, que é singular e múltipla. Não importa como aconteceu a história, mas sim o relato possível da experiência vívida. A proposta consiste em alcançar narrativas dessa original versão, para interrogar e pensar.

O objeto da Psicanálise pergunta sobre a expressão da própria experiência, no campo do inconsciente e da sexualidade, um fio condutor da singularidade. Formular a pergunta é essencial para abrir a interrogação. Também, para espantar a psicopatologização sobre o viver humano, tendência questionável, normopata e adaptativa.

A Psicanálise abriga a proposta de pensar subjetividades e as sexualidades, sem normatizações morais, psicopatológicas, classificatórias, religiosas ou estatísticas.

Os limites e fronteiras nos desafiam a enfrentar os pré-conceitos teóricos e ideológicos. Também revelar caminhos e direções. Hoje, a Psicanálise ainda propõe perguntas! E se ocupa menos da sexualidade reprimida, no sentido de proibida.

O desafio, agora, na atualidade, é pensar sobre o sentimento de inadequação entre o sexo biológico e a identidade sexual, e a proposta dos transgêneros com novas configurações sexuais.

Não é exclusivo de nossos tempos a existência da experiência de incompatibilidade entre o sexo anatômico e a identidade sexual. A liberdade sexual tem contribuído para maior aceitação e visibilidade de práticas sexuais singulares, e tornado possível manifestações de diversas identidades sexuais. Felizmente, o viver atual nos impõe o diverso e implica desafios para reatualizações e revisões, vitalizando nosso saber para pensar.

O conceito de Diversidade implica em pensar a diferença mais além de qualificação binária, da pueril lógica *não sou/não tenho*, e das categorias de tudo ou nada, de certo ou errado, bom ou ruim, verdadeiro ou falso, moralistas e preconceituosamente excludentes. Diversidade versa sobre o diferente, aquilo que é distinto, campo do singular, não significa valor, e sim o múltiplo, campo da alteridade.

A lógica binária é típica da lógica da sexualidade infantil enquanto descobre sobre a diferença e, principalmente, sobre o interdito. A combinatória múltipla são os elementos da sexualidade adulta. Desafiada pela dialética do sexo e amor. A capacidade humana de amar ainda é diferente da demanda de ser (sentir-se) amado. O viver humano, com suas vicissitudes inquietantes, cujo atributo principal se resume numa infinita diversidade, será o principal tema que desafiará nosso método de trabalho⁹.

Mas o que significa ser humano sexuado? Alcances e limites. Como o corpo, a lei, a finitude, a morte. E os alcances da típica marca humana: pulsão sexual e sexualidade, e ainda amar!

Freud não separa amor de sexualidade. O berço do amor é no inconsciente e no narcisismo. Os humanos necessitam do tempo e do amor, tanto para crescer, para a alegria e felicidade, como para cicatrizar. Também para construir asas com suficiente autonomia de voar nos ventos da liberdade e saber onde e como ancorar a coragem para sobreviver ao medo, aos enganos e trapaças e aos temporais da violência quando uma síntese encontra o lugar do impossível.

Acredito que a liberdade sexual alcançou status e transparência, e os problemas da violência humana atacam as escolhas singulares, o diferente. Esse ataque não tem origem no erótico, nem no sexual, aliás, diria que faltou erotismo para iluminar esses obscuros caminhos intolerantes e para neutralizar a violência.

9 O desafio na clínica consiste em encontrar no discurso amoroso manifesto os enigmas singulares que correspondem, no argumento desta história e enredo deste drama, e a uma demanda de Amor e de satisfação. Esses enigmas singulares contêm irradiações de uma contradição básica. Nesse sentido, a experiência amorosa envolve um potencial de realizar o desejo, mas a chance de se desestabilizar. Campo criativo, mas de desamparo e propício a abusos.

O sexual humano é uma aventura obstinada, revela-se. Sabemos que não se consegue esconder a fumaça, nem segredo, nem a loucura, nem violência, nem o amor, menos ainda a sexualidade. Não existe humanos sem sexualidade e nem Psicanálise sem Sexualidades, pois é o lugar que interroga a experiência humana, sobre o corpo, o psíquico e a cultura, sobre a invenção com o amar (se), e contém o que deve ser desamarrado, transformado ou até reatado.

A Sexualidade interroga nosso saber. Nos convoca reflexões, hipóteses e incertezas. A Psicanálise, com cem anos, ainda é um discurso subversivo! Segue assim, quando acorda e ainda interroga a sexualidade e o desejo, que mora no inconsciente, para ser narrado com mil caras de diversos gostos. A generalização é um impossível, tamanha variedade de alternativas. O desafio significa interrogar e historizar essa trama complexa, que tece as pessoas, em todas suas diferenças!

A Psicanálise sustenta a perspectiva do possível trabalho de saber de si próprio e o valor do conhecimento sobre si mesmo, na tarefa humana mais difícil, que significa o dilema de ser e pensar livremente.

A clássica dupla amor e sexo já alcançou cidadania na cultura atual, então vamos interrogar a dupla amor com que sexo? E seguir perguntando: como a Psicanálise contribui para pensar sobre o sentimento de inadequação entre o sexo biológico e a identidade sexual?

Um convite a olhar o cenário, os personagens, o contexto que cria textos, para criar narrativas possíveis. Então, afinal, protagonistas da própria história. Assim, criamos opinião! Também raízes e asas.

Primavera de 2017.

Sexuality is a human mark!

Abstract: Sexuality is the human mark that distinguishes us from other inhabitants of the planet, is not an a priori category, involves the construction of large complexities acquired. Thinking about the topic Sexuality invites us to reflect, to hypothesize, to uncertainties, and to inquiries. What exists in sexuality, capable of defying, which makes it dangerous and disturbing for the purposes of culture? We know that you can not hide love, nor the smoke, neither secrecy nor madness. The human sexual is a stubborn adventure, reveals itself. Sexuality is the central theme in the invention of psychoanalysis, a propitious perspective for current debates on human sexual diversity, and issues of gender and sex. The Psychoanalysis supports the perspective of what the dilemma of being and thinking freely means. Psychoanalysis, with a hundred years, is still a subversive speech! It follows that when awakens and still interrogates the sexuality, the desire,

that dwells in the unconscious, to be narrated with a thousand faces of diverse tastes. Generalization is an impossibility, such variety of alternatives. The challenge means to interrogate and historicize this plot complex, which weaves people in all their differences! The existence of the incompatibility experience is not unique to our times between the anatomical sex and the sexual identity. Fortunately, current living imposes the diverse and implies challenges for revisions or re-updates, vitalizing our knowledge to think. **Keywords:** Bisexuality. Child sexuality. Psychism. Psychosexual. Sex drive. Sexuality.

Referências

- Freud, S. (1978). Tres ensayos de teoría sexual. In *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1984). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1925)
- Freud, S. (1986a). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II). In *Obras completas* (Vol. 11). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1912)
- Freud, S. (1986b). El malestar en la cultura. In *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Original publicado em 1930)
- Kristeva, J. (1993). *Historias de amor*. Cidade do México: Siglo Veinteuno Editores.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 25/03/2019

Aceito em: 08/04/2019

Silvia Brandão Skowronsky
Rua Tobias da Silva 120/510
90570-120 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: skow@terra.com.br